

# **O PEDAGOGO E OS PROBLEMAS DE APRENDIZAGEM NA ALFABETIZAÇÃO: CONTRIBUIÇÕES DA PESQUISA DE INTERVENÇÃO**

Camila Alves Macedo  
Universidade Federal de Uberlândia  
[camilaalvesmacedo1998@gmail.com](mailto:camilaalvesmacedo1998@gmail.com)

Maria Irene Miranda  
Universidade Federal de Uberlândia  
[mirene@ufu.br](mailto:mirene@ufu.br)  
(Orientadora)

## **Resumo**

Ao considerar que a cultura excludente e seletiva presente na estrutura educacional brasileira delimita um perfil de estudante a ser atendido e desencadeia o fracasso escolar daqueles que não se enquadram nesse perfil, nota-se a importância de compreender quem são esses alunos negligenciados e como atendê-los. Assim, o estudo de caso de um aluno nesta situação pode revelar as atitudes da escola e a relação desta com o desenvolvimento do estudante. Ademais, embasado nos estudos da psicopedagogia e da alfabetização, com uma visão holística e sistêmica de desenvolvimento humano, a realização de atendimentos com o estudante demonstrou que seu tempo de aprendizagem era diferente dos demais que conviviam em sala de aula; dessa forma, a escola deveria ter um olhar diferenciado e inclusivo em relação ao sujeito. Com isso, buscou-se realizar atividades de avaliação diagnóstica e de intervenção psicopedagógica que pudessem complementar a ação da escola e favorecer a alfabetização do aluno. Contudo, o tempo de realização da pesquisa não foi suficiente para que isso ocorresse significativamente, visto que não foi possível a parceria entre a escola e o atendimento, além disso, o tempo de aprendizagem do aluno não correspondia ao tempo da escola. Dessa maneira, o trabalho revelou a possibilidade, a importância e a necessidade de ter um olhar atento para esses alunos, pois assim como o estudante atendido, muitos outros carecem da atenção da escola e da família, podendo reverter os casos de exclusão, principalmente na alfabetização.

**Palavras-chave:** Alfabetização; Psicopedagogia; Estudo de Caso

Eixo 2 – Práticas pedagógicas e psicopedagógicas na perspectiva da diferença humana.

## 1- Introdução

Esse trabalho surgiu a partir de um Estudo de Caso Psicopedagógico junto a um adolescente de 17 anos com diagnóstico de retardo mental leve<sup>1</sup>, o qual identificaremos pelas iniciais L.R.S. O mesmo apresentava problemas de aprendizagem na alfabetização e conceitos matemáticos, embora estivesse cursando o 7º ano do ensino fundamental em uma escola pública municipal.

De acordo com Sacristán e Gomez (2000) a escola é uma instituição social que tem por objetivo prover os indivíduos "não só, nem principalmente, de conhecimentos, ideias, habilidades e capacidades formais, mas também, de disposições, atitudes, interesses e pautas de comportamento". Nesse sentido, os autores definem como funções sociais da escola: 1. Função *reprodutora*: que consiste em "garantir a reprodução social e cultural como requisito para sobrevivência mesma da sociedade" (p.14); 2. Função *educativa*: que para os referidos autores significa "utilizar o conhecimento para compreender as origens das influências, seus mecanismos, intenções e consequências, e oferecer para debate público e aberto às características e efeitos para o indivíduo e a sociedade desse tipo de processo de reprodução" (p.22); 3. Função *compensatória*: "atenuar, em parte, os efeitos da desigualdade e preparar cada indivíduo para lutar e se defender nas melhores condições possíveis, no cenário social" (p.24); 4. Função *transformadora*: "provocar e facilitar a reconstrução de conhecimentos, atitudes e formas de conduta que os (as) alunos (as) assimilam direta e acriticamente nas práticas sociais de sua vida anterior e paralela à escola" (p.25). Mediante a complexidade dessas funções, para que ocorra a construção do conhecimento, a influência do meio social na formação integral do ser humano é fundamental.

Sendo assim, a escola deve partir dos esquemas de assimilação disponíveis na criança, propondo atividades desafiadoras que provoquem desequilíbrios e reequilibrações sucessivas, promovendo a descoberta e a construção do conhecimento (PIAGET e GRECO, 1974). A escola é o ambiente onde a criança passa boa parte de seu tempo, portanto é um dos principais locais designados para se aprender.

Diante do atual contexto educacional, seletivo e excludente, nota-se a dificuldade de concretização da função social da escola, quando se depara com alunos considerados "problemas de aprendizagem". Os professores caracterizam alunos com

---

<sup>1</sup> Vale ressaltar que não se faz mais o uso do termo "retardo mental leve", mas "deficiência mental". Dessa forma, optamos por usar o termo "retardo mental leve" durante o relatório por ser este o termo utilizado no laudo de L.R.S.

problemas de aprendizagem, aqueles que não seguem o ritmo da turma, apresentando dificuldades de escrita e leitura, concentração, memorização. Expressam atitudes agressivas e não se interessam pelo que se passa em sala de aula (MIRANDA, 2000). Geralmente, são alunos repetentes que não se encontram na mesma faixa etária dos demais, não demonstrando satisfatório desenvolvimento no processo de aprendizagem. Embora o sujeito do presente estudo apresentasse todas essas características, na perspectiva psicopedagógica havia uma crença em sua possibilidade de aprender.

Assim, nota-se que a postura adotada pelo professor tem papel relevante no resultado do processo de aprendizagem e desenvolvimento. Nos dias de hoje, o professor não é apenas aquele que transmite o conhecimento, mas, sobretudo, aquele que subsidia o aluno no processo de construção do saber. Portanto, cabe ao professor refletir sobre sua prática enquanto docente; olhar para o mundo, olhar para si e oportunizar momentos em que os alunos possam, também, refletir sobre eles mesmos, e sobre o mundo em que vivem, para assim, adquirirem habilidades e conhecimentos que favorecerão no desenvolvimento acadêmico, principalmente no que tange ao processo de alfabetização. Infelizmente, os professores de L. R.S. não estavam atentos as suas especificidades, negligenciando seus papéis de mediadores do conhecimento.

Como enfatiza Freire (1996) o professor deve ser um mediador de conhecimentos, e enquanto tal atuar diretamente com o aluno, por meio de propostas que propiciem o desenvolvimento de habilidades e capacidades individuais, contribuindo, também, para a construção e ampliação do conceito de cidadania. Além disso, em relação a realidade excludente e seletiva, Arroyo (2004, p.193) afirma a existência de uma “lógica temporal” que:

[...]se articula em torno de supostos ‘ritmos médios’ de aprendizagem. Independente da diversidade cultural dos alunos e alunas, de suas convicções socioculturais, da diversidade dos processos de socialização, das diferenças de gênero, raça, classe social, toda criança e adolescente terá de dominar nos mesmos tempos médios as mesmas habilidades e saberes. Se dominar no tempo previsto 60% dos conteúdos merecerá ser aprovado, se menos será reprovado.

Diante disso, muitos estudantes não se enquadram no perfil de aluno estimado pela escola, o que os leva a evitar a instituição ou até evadirem. A evasão escolar é um problema que aponta para o descumprimento da função social da escola, ou seja, no processo de formação que instrumentaliza o sujeito para alcançar sua condição de cidadão, desenvolvendo suas capacidades e habilidades.

Ao lado da “lógica temporal” vigente nas escolas, há “uma suposta lógica dos conteúdos a serem transmitidos que constitui o eixo vertebrador da organização dos graus, séries, disciplinas, grades, avaliações, recuperações, aprovações ou reprovações” (ARROYO, 2004, p.193).

Por não corresponder às expectativas da escola, tanto em relação a “lógica temporal”, quanto em relação a “lógica de conteúdo” e ao perfil de aluno almejado, L.R.S. evadiu da instituição e foi buscar aprender uma profissão. Porém, dando sequência ao estudo, mesmo L.R.S. estando ausente da escola, foram realizados os atendimentos com enfoque psicopedagógico. Mas por que recorrer a psicopedagogia?

A Psicopedagogia não se prende a um currículo rígido, seletivo e excludente, mas compreende que qualquer sujeito é capaz de aprender e tem o seu próprio desenvolvimento. Por isso, o enfoque psicopedagógico alerta para a necessidade de analisar os fatores intervenientes e as condições internas e externas do processo de aprender, pois são significativos para a compreensão da realidade dos alunos considerados como problema de aprendizagem.

Essa área do conhecimento favorece uma visão holística e sistêmica de desenvolvimento humano, ocasionado pela combinatória de fatores orgânicos/ biológicos, psicológicos (cognitivos/ emocionais) e sócio/culturais (relacionais). Com isso, visa compreender os mecanismos empregados pelo sujeito para aprender, melhorar a sua autoestima, ressaltando suas capacidades e favorecendo seu desenvolvimento, e eliminar os rótulos e estigmas que excluem o indivíduo do padrão de normalidade. Para que isso ocorra, apóia o processo de escolarização e busca a contribuição da família.

A pesquisa vislumbrou as possibilidades de retirar L.R.S. da condição de fracasso escolar, por meio de um trabalho com ações de intervenção, planejadas a partir da análise e constatação do problema. Estas ações tiveram o intuito de proporcionar a (re) inserção discente ao meio escolar e social. Para tanto se fez necessário conhecê-lo melhor.

## **1.1- Identificação do sujeito**

1.1.1- Nome: L.R. S.

1.1.2- Idade: 17 anos

1.1.3- Sexo: Masculino

1.1.4- Ano que estuda: 7º ano

1.1.5- Anos que repetiu: 5º ano e 6º anos

1.1.6- Escola: Rede Municipal

1.1.7- Dados específicos: Diagnosticado com Retardo Mental Leve (CID F70.1)<sup>2</sup>

1.1.8- Outros: Faz o uso de medicação controlada: Risperidona, Sertralina e Biperideno

1.1.9- Queixa: A mãe buscou atendimento psicopedagógico devido a problemas de aprendizagem na escola.

## **2-Diagnóstico**

O diagnóstico psicopedagógico é o conjunto de dados sobre algum sintoma, relatado pela queixa da família, da escola ou até do próprio sujeito em relação às dificuldades na aprendizagem. Assim, são esses dados que norteiam o trabalho psicopedagógico.

Os objetivos do diagnóstico envolvem a compreensão da queixa por meio da interpretação dos dados, entender o porquê de o sujeito não aprender, além de definir o perfil do caso, respaldando a intervenção.

Os instrumentos utilizados nos diagnósticos foram escolhidos ao longo do processo do estudo de caso, visto que de acordo com os atendimentos e do conhecimento acerca do sujeito, foi possível defini-los.

Para conhecer as características básicas da vida de L.R.S., como aspectos do passado e do presente referentes ao desenvolvimento e ao envolvimento com a família e a escola foi utilizado a anamnese e a entrevista com o sujeito. Além disso, para compreender seu psiquismo e subjetividade foram realizados testes projetivos, como o par educativo. Os desenhos, livre e dirigido, também colaboraram com essa compreensão.

Em relação a alfabetização foram propostas atividades de leitura e de escrita, e em relação ao raciocínio lógico-matemáticos utilizou-se das provas Piagetianas e jogos.

É importante salientar que o sucesso do diagnóstico não é determinado por meio da quantidade dos instrumentos utilizados ou pela sequência em que ocorrem, mas pela capacidade de analisar os dados revelados.

---

<sup>2</sup> A sigla CID F70.1 diz respeito ao sujeito com comprometimento significativo de comportamento, requerendo vigilância ou tratamento.

As finalidades dos instrumentos e as respostas advindas desses serão detalhadas no próximo tópico.

## **2.1- Desenvolvimento do diagnóstico**

No estudo de caso de L.R.S. utilizou-se, primeiramente, a Anamnese que consiste na entrevista com os responsáveis pelo sujeito, coletando informações sobre sua vida e desenvolvimento. Segundo Pain (1985), a anamnese possibilita o acesso a importantes dados relativos ao indivíduo, bem como as condições atuais do problema.

Assim constatou-se que ele nasceu e morava na Bahia até os três anos de idade, quando ocorreu a separação dos pais. Atualmente, mora em Uberlândia- MG com a mãe, o padrasto e a irmã, um ano e dois meses mais nova.

Entrou na escola aos quatro anos, no Emei (Escola municipal de educação Infantil), teve uma adaptação tranquila até que no primeiro ano do Ensino Fundamental a professora solicitou a mãe que fizesse alguns exames, devido as dificuldades na aprendizagem, as quais perduraram e o fizeram repetir o quinto e o sexto anos do Ensino Fundamental.

No início deste trabalho L.R.S estava com 17 anos, cursando o 7º ano do ensino fundamental e sendo acompanhado mensalmente pelo psiquiatra, semanalmente pela psicóloga, além de participar do Atendimento Educacional Especializado (AEE) oferecido pela escola. Os exames realizados ao longo da vida trazem diversos laudos médicos. Dentre eles, o realizado em 04/09/2017, apontando-o como calmo, colaborativo, introspectivo, inseguro, com baixo autoestima e com dificuldade de se concentrar. Além disso, ressalta que L.R.S. foi transferido para outra turma por solicitação da família, após reclamação de bullying por parte dos colegas; com a mudança de sala melhorou o relacionamento com os colegas, deixou de ser passivo e passou até a provocá-los.

Já o laudo médico realizado em 22/04/2018 apresenta o diagnóstico de Retardo Mental Leve (CID F70.1), apontando-o como copista, sem o domínio da leitura e da escrita e ainda como muito quieto, calado, tímido, não participativo nas aulas, aparentava não compreender o que lhe era solicitado e não socializava com colegas nem professores.

O laudo de 11/07/2018 revela que durante a avaliação L.R.S. manteve-se calmo, pouco colaborativo, com humor entristecido, por vezes variando de irritado a

dissociado, mostrava lentidão, com latência de respostas. Não obstante, possuía o comportamento muito desconfiado (persecutório), mas sem evidências de alucinações e sem atenção. Os cuidados pessoais eram adequados, a atenção voluntária diminuída, a atenção espontânea preservada e a memória de difícil avaliação.

Entre junho e julho de 2018, L.R.S. passou por uma crise. Meses antes ele teve desentendimentos com o padrasto, saía de casa e se envolvia com outras pessoas, chegando a ser aliciado para entregar drogas, com isso iniciou o consumo de maconha (segundo a mãe ele usou duas vezes), demonstrou desobediência, conversava sozinho e relatava possuir visões. Durante a crise, os professores relataram que L.R.S. demonstrou mudança brusca e repentina de comportamento, inadequado para o ambiente, pois conversava sobre sexo durante a aula, passava a mão nas partes íntimas das meninas e fazia gestos obscenos com a língua.

Segundo a mãe, o psiquiatra que o atendia afirmou que a crise foi oriunda da própria deficiência. Além disso, a mãe relatou que antes dos comportamentos rebeldes e da crise, ele brincava sozinho, jogava vídeo game, andava de bicicleta, pintava, coloria, mas depois não demonstrava mais interesse nessas atividades.

Atualmente, L.R.S. faz o uso de medicamentos, sendo eles, a Risperidona, comprimido conhecido como Riss, usado para tratar as chamadas psicoses (por exemplo, esquizofrenia), transtornos relacionados ao pensamento, às emoções e/ou às atividades, (tais como: confusão, alucinações, distúrbios da percepção - ouvir vozes de alguém que não está presente), desconfiança incomum, isolamento da sociedade, ser excessivamente introvertido, entre outros fatores. Além disso, melhora a ansiedade, a tensão e o estado mental alterado por estes transtornos.

Faz uso também de Sertralina comprimido, conhecido como (Zoloft), usado no tratamento da depressão acompanhada por sintomas de ansiedade, do transtorno obsessivo compulsivo em adultos e crianças acima de 6 anos de idade, do transtorno do pânico e do transtorno de ansiedade social.

Usa ainda o Biperideno, conhecido como (Akineton), destinado ao tratamento de síndrome parkinsoniana, especialmente para controlar sintomas de rigidez e tremor, sintomas extrapiramidais como distonias agudas (espasmos musculares prolongados), acatisia (inquietação) e síndromes parkinsonianas induzidas por neurolépticos (medicamentos que suprimem movimentos espontâneos) e outros fármacos similares.

Após a anamnese e a descoberta de importantes informações sobre sua vida, foi realizada a entrevista com o sujeito.

Por meio das perguntas foi possível contemplar aspectos relacionados a sua vida cotidiana em diferentes contextos, como familiar e escolar, desvendando seus vínculos com as figuras de ensinantes, pois “não aprendemos de qualquer um; aprendemos daquele a quem outorgamos confiança e direito de ensinar” (FERNÁNDEZ, 1991, p. 52).

No momento da entrevista ele demonstrou timidez e pediu que fosse acompanhado pela mãe, porém como as perguntas eram de cunho pessoal, foi solicitado que estivesse sozinho, o que ocorreu. Assim, ele relatou ter muitos amigos e quando foi citar o nome deles lembrou apenas o nome de um e disse não recordar a idade dele, mas que era da mesma sala de aula e não faziam as atividades propostas juntos. Afirmou que gosta de estudar, em suas palavras é “para o futuro”, mais tarde relatou ter vontade de trabalhar consertando e vendendo bicicletas. Possui professores com os quais se identifica mais, pois explicam melhor o conteúdo. A sua matéria preferida é matemática, porque gosta de fazer contas. Não estuda para as atividades avaliativas e durante a realização dessas se sente ansioso. Nos momentos de lazer gosta de sair com a mãe e/ ou a irmã para o Shopping, no cinema ou ao Centro da cidade, passear, jogar vídeo game, como Xbox e Grand Theft Auto (GTA) e andar de bicicleta.

Em relação a escola, tanto com a anamnese quanto com a entrevista foi possível averiguar a negligência da instituição em relação ao aluno, pois a gestão e os professores não realizavam nenhum trabalho diferenciado, foi aprovado com a justificativa de estar mais velho e mais alto que os outros alunos.

A partir dessas informações foi possível conhecer melhor o sujeito do estudo de caso, essas serviram como base para iniciar a intervenção, mas não foram definidoras de todo o processo, haja vista que durante os atendimentos houve mais aproximação, possibilitando maiores conhecimentos e suscitando novas propostas de intervenção.

Além disso, foram trabalhados testes projetivos. Segundo Anastasi (1967), por meio dos testes são projetados os conflitos, a agressividade, os medos e as características do sujeito. Utilizou-se de desenhos e da explicação destes por L.R.S. Com o par educativo é possível averiguar o vínculo do sujeito com a aprendizagem e com quem a propicia, tanto no contexto familiar, quanto no escolar, pois é solicitado que se faça um desenho de alguém ensinando e alguém aprendendo. No caso, L.R.S. desenhou um homem ensinando um menino a fazer Coca-Cola.

O desenho livre, outro instrumento utilizado, é a representação simbólica da realidade, revelando o nível de maturidade, equilíbrio emocional e afetivo,



desenvolvimento psicomotor e cognitivo. L.R.S. desenhou um carro. No desenho de si mesmo buscou contemplar suas características físicas. Já o desenho da família ele não concluiu.

Em relação as atividades de produção escrita, como escrita do nome ou ditado, foi utilizado como base os estudos de Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1986). As produções de L.R.S revelam um aluno copista, que sabe escrever o próprio nome, sendo que para escrita de demais palavras necessita de cópia, além de não dominar a identificação das letras, no ditado revela uma hipótese de escrita silábica.

Em relação a leitura, o aluno não sabe ler, contudo como afirma Ferreiro e Teberosky (1986) o fato de não saber ler, no sentido convencional do termo, não impede que o sujeito tenha ideias sobre as características funcionais de um texto escrito. L.R.S ouvia as leituras ou lia livros de imagem, era possível reconhecer a função do texto lido, fosse uma carta ou uma história.

Também foram utilizados alguns jogos de alfabetização do CEEL (Centro de Estudos em Educação e Linguagem) da Universidade Federal de Pernambuco, como a Trinca Mágica, com o objetivo de formar uma trinca de cartas contendo figuras de palavras que rimam e a Palavra Dentro de Palavra, que consiste em analisar as partes que compõem as palavras, assim, o estudante decompõe cada palavra.

Ademais foram utilizadas as Provas Piagetianas com o objetivo de conhecer o nível de pensamento lógico matemático e sua organização de ideias para interagir no mundo e aprender. Com isso, foram analisadas as noções de seriação, conservação e classificação, que revelam a estrutura cognoscitiva e o nível de desenvolvimento.

No desenvolvimento dessas atividades L.R.S demonstrou não dominar as noções de seriação, conservação e classificação. Em relação a conservação e classificação, apresentou dificuldade para explicar a resposta. Já nas atividades de seriação não revelou domínio.

Além disso, foram utilizados vários jogos como Uno, Jogo das 4 cores, Dama, Jogo da Memória, Dominó, Jogo da Pizza Maluca, Ludo, Jogo das Varetas, entre outros. Essas atividades foram as que L.R.S. mostrou mais interesse e desempenho, apresentava-se competitivo, sabia lidar com perdas. Em jogos que havia a necessidade de contar as peças, como no Dominó ou nos dados do Ludo, ele se perdia na contagem e necessitava de ajuda.

O diagnóstico foi de extrema importância para o conhecimento do sujeito, visto que a cada encontro e atividade realizada foi possível conhecê-lo melhor. Vale ressaltar que as conversas informais e as observações de comportamento também trouxeram grande acréscimo a pesquisa. Assim, com base nos diversos dados foi possível analisá-los em conjunto.

## 2.2- Análise do diagnóstico

Os dados apresentados no diagnóstico de L.R.S possibilitaram a hipótese de que sua idade cronológica (17 anos) não correspondia a sua idade mental, o que vem ao encontro dos laudos médicos de deficiência intelectual apresentados pela mãe no início do atendimento.

Em sendo assim, fez-se necessário revisitar o referencial teórico acerca da deficiência intelectual, compreendendo suas características para buscar as possibilidades de intervenção.

Historicamente, as relações entre concepções de deficiência mental e inteligência foram modificadas; conforme indica Fonseca (1995) nas concepções e características abaixo descritas.

| Concepções                     | Características                                                                                               |
|--------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Preformismo                    | Há a exclusão social dos indivíduos considerados deficientes.                                                 |
| Poder divino X Poder demoníaco | Atribuição da religião a causas de deficiências, como algo do mal.                                            |
| Aceitação e Rejeição           | Oscilação nas ideias: ou eram enviados por Deus que deviam ser aceitos ou corrigidos                          |
| Predeterminismo                | Acolhimento da sociedade e de associações assistencialista, levando ao atendimento médico e a estudos na área |
| Envolvimentalismo              | Minimização da influência da hereditariedade e supervalorização dos elementos presentes na no meio ambiente   |

|                |                                                                          |
|----------------|--------------------------------------------------------------------------|
|                | sobre o desenvolvimento humano e a inteligência                          |
| Interacionismo | Quando ocorre o surgimento de classes especiais e testes de inteligência |

(Fonte: Análise feita pela autora a partir dos dados apresentados por Fonseca, 1995)

O quadro acima sugere que cada época tratou e trata os deficientes mentais de acordo com seu contexto sociocultural. Vale ressaltar, também, que apesar das evoluções alcançadas ao longo do tempo, ainda hoje há práticas antigas caracterizadas pela exclusão e rejeição.

A definição sobre Deficiência Mental segundo a Associação Americana de Deficiência Mental (AAMD) refere-se ao:

[...] funcionamento intelectual geral significativamente abaixo da média, oriundo do período de desenvolvimento, concomitante com limitações associadas a duas ou mais áreas da conduta adaptativa ou da capacidade do indivíduo em responder adequadamente às demandas da sociedade, nos seguintes aspectos: comunicação, cuidados pessoais, habilidades sociais, desempenho na família e comunidade, independência na locomoção, saúde e segurança, desempenho escolar, lazer e trabalho. (AAMD, 2010, P. 7)

Portanto, a deficiência mental é analisada em relação a diferentes inteligências: Conceitual (envolvendo dimensões abstratas), Prática (envolvendo independência, como autocuidado e segurança) e Social (envolvendo o comportamento de se relacionar com os outros).

A AAMD também propõe a definição de cinco dimensões acerca dos aspectos de desenvolvimento da pessoa com deficiência mental, sendo essas: das Habilidades Intelectuais (capacidade de compreender ideias e resolver problemas), do Comportamento Adaptativo (capacidade para atender aos padrões de independência social), da Participação, interação e papéis sociais (capacidade de interagir e interferir na comunidade), do Contexto (referentes ao contexto e a qualidade de vida da pessoa) e da Saúde (ampliação do diagnóstico envolvendo os fatores etiológicos e de saúde física e mental).

Considerando os aspectos anteriores, foi possível notar que L.R.S apresentava algumas das características descritas pela AAMD acerca de Deficiência Mental, haja vista que mesmo com 17 anos, apresentava comportamento infantilizado, tanto na família como na escola.

Referente as inteligências, L.R.S apresentava defasagens conceitual, prática e social. Nas avaliações piagetianas e nos jogos, por exemplo, foi notória sua dificuldade

com conceitos abstratos, demonstrando comprometimento da inteligência conceitual. L.R.S deixou de frequentar os atendimentos durante alguns dias por se sentir inseguro para se deslocar de ônibus de casa ao local do atendimento, sem um acompanhante; dessa forma mostrou dificuldades de autocuidado e independência. Já em relação a inteligência social, L.R.S. demonstrou-se tímido, pois foram necessários alguns encontros até que ele se sentisse à vontade, além disso na entrevista afirmou que tem amigos na escola, mas não realiza atividades em sala com eles e nem lembra seus nomes, com isso, as suas amizades mais próximas são sua irmã e sua mãe.

Nos aspectos referentes as dimensões de desenvolvimento, L.R.S afirmou possuir poucos amigos, o que foi confirmado por sua mãe. Os amigos são, principalmente, crianças mais novas que ele e que frequentam a mesma igreja, o que condiz com as dimensões apresentadas pela AAMD expostas acima: da Participação, interação e papéis sociais (capacidade de interagir e interferir na comunidade) e do Contexto (referentes ao contexto e a qualidade de vida da pessoa), haja vista que L.R.S. interage com aqueles com os quais se identifica, as mais novas, que parecem corresponder a sua idade mental.

No decorrer do trabalho foi notória também a conflituosa relação entre L.R.S, sua mãe e a escola, pois essa última não cumpria com suas funções com o aluno que carecia de um atendimento diferenciado. No período que L.R.S faltou aos atendimentos, devido ao medo de andar de ônibus sozinho, ele também faltou a escola, mas essa, segundo a mãe, não buscou saber a causa das faltas. Isso demonstra uma postura omissa e desrespeitosa.

A escola é uma instituição de extrema importância na vida de crianças e adolescentes com deficiência mental, pois colabora para o desenvolvimento, por exemplo, do Comportamento Adaptativo, ao favorecer o convívio de diferentes pessoas, vínculos afetivos, valores éticos e morais, direitos e deveres, ou seja, as interações sociais. De acordo com a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008):

Na perspectiva da educação inclusiva, a educação especial passa a constituir a proposta pedagógica da escola, definindo como seu público-alvo os alunos com deficiência, transtornos globais de desenvolvimento e altas habilidades/superdotação. Nestes casos e outros, que implicam em transtornos funcionais específicos, a educação especial atua de forma articulada com o ensino comum, orientando para o atendimento às necessidades educacionais especiais desses alunos. (Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, 2008, p. 15)

Com isso, deveria fazer parte do projeto político pedagógico da escola a articulação entre a educação especial e o ensino comum em prol da educação inclusiva. Além disso, no Estatuto da Pessoa com Deficiência (2015), Capítulo IV, referente ao direito à educação, consta o dever do Estado, da família, da comunidade escolar e da sociedade de assegurar a educação de qualidade à pessoa com deficiência. No Art. 28, há 18 incisos referentes as responsabilidades do poder público como o incentivo e o desenvolvimento da participação dos estudantes com deficiência e de suas famílias nas diversas instâncias de atuação da comunidade escolar.

Para Dechichi, Silva e Ferreira (2012), a escola deve, portanto:

- Constituir-se em uma opção de ambiente social em que esse aluno possa se inserir e estabelecer inter-relações sociais que fortaleçam e enriqueçam sua identidade sociocultural;
- Propiciar uma formação escolar diversificada e completa a esse aluno, de modo a capacitá-lo a realizar uma inserção social adequada nos outros ambientes pelos quais circula.

Assim, tendo em vista o afastamento de L.R.S da escola e a omissão da instituição, não foi possível uma ação articulada entre os atendimentos psicopedagógicos e a escola.

Por fim, a análise do diagnóstico é constante, segundo Weiss (1991, p.98): “Não há fronteiras formais entre diagnósticos e tratamento. A separação normalmente feita é apenas operacional”. Assim, tanto o diagnóstico, sua análise e a intervenção são investigativas e interativas, afinal, todo esse movimento caracteriza uma intervenção no caso.

### **3- Resultados**

Diante da pesquisa de intervenção constatou-se resultados que colaboraram para a compreensão da importância do papel do pedagogo, da escola e o envolvimento desses com os alunos por meio da intervenção psicopedagógica.

#### **3.1- Processo de intervenção psicopedagógica**

Devido as faltas de L.R.S. aos encontros e a ausência da escola, a intervenção não aconteceu como esperado. O tempo previsto para o projeto foi de outubro de 2018 a

setembro de 2019. A princípio ocorriam duas vezes por semana e duravam 50 minutos, mas devido as faltas de L.R.S e a necessidade de alguém para acompanhá-lo no ônibus e levá-lo ao local do atendimento, estes passaram a ocorrer uma vez por semana, no dia em que sua irmã podia estar com ele. Assim, os encontros duravam até 1 hora e meia, o que se tornou cansativo para L.R.S, fazendo com que o término ocorresse antes do horário previsto, prejudicando o andamento trabalho.

Devido ao fato de L.R.S ter evadido da escola, buscou-se uma nova instituição que pudesse receber o aluno. Dessa forma, entrou-se em contato com a coordenadora de uma escola próxima a sua casa, que oferecia o AEE e estava disposta a recebê-lo e fazer um trabalho em conjunto com os atendimentos psicopedagógicos. Assim, após uma reunião com L.R.S e sua mãe foi solicitado que procurassem essa escola, pois ele não deveria desistir de estudar ou procurar ajuda. A mãe afirmou que entraria em contato com a escola, mas até o último atendimento isso não havia ocorrido.

Além disso, L.R.S. deixou de frequentar a psicóloga, indo apenas ao psiquiatra, pois necessitava dos medicamentos. L.R.S. passou a trabalhar com o padrasto em uma marcenaria, onde revelou se sentir acolhido e bem.

Por fim, assim como L.R.S. se desvinculou da instituição escolar, do AEE e da psicóloga, os atendimentos psicopedagógicos também foram findados antes do previsto, com o aval da mãe.

### **3.2- Análise dos resultados da intervenção psicopedagógica**

No decorrer da intervenção L.R.S revelou avanços em relação ao comportamento, demonstrando maior envolvimento e interesse nas atividades. Assim, ocorriam momentos que durante o jogo ele tentava “trapacear” ou buscar outras estratégias para ganhar, embora soubesse lidar também com a perda.

Considera-se que foi feito o possível, de acordo com as circunstâncias históricas que permearam o estudo. Em outro momento e sob diferentes circunstâncias, como o envolvimento da escola e da família, os resultados podem ser outros.

## **4- Considerações finais**

A Psicopedagogia reconhece que todo sujeito é capaz de aprender, mas cada um tem o seu próprio desenvolvimento. No caso de L.R.S não é diferente, desde pequeno as

circunstâncias escolares, devido a negligência, não foram favoráveis. Porém, seria importante que L.R.S., mesmo com seus 17 anos, ao final do projeto, voltasse para os estudos em prol de sua aprendizagem, como foi solicitado à mãe.

O estudo de caso revelou as consequências de uma escola excludente na vida de um aluno que não representa o perfil estimado pela instituição, ou seja, há muitos que assim como L.R.S. desistem dos estudos, pois não têm uma perspectiva de desenvolvimento e sucesso por meio da escola.

Dessa forma, assim como presente no Estatuto da Pessoa com Deficiência (2015) é imprescindível que tais casos sejam avaliados pelo poder público, para que ocorra a verdadeira execução da lei e da inclusão das pessoas com deficiência na escola comum, juntamente ao AEE.

Além disso, por meio da pesquisa de intervenção foi constatado a contribuição da psicopedagogia na formação do pedagogo e no trabalho junto a criança considerada como problema de aprendizagem na alfabetização, ampliando a compreensão e as possibilidades de ação.

Por fim, os estudos da psicopedagogia também são imprescindíveis ao reafirmar a necessidade de um trabalho em prol do desenvolvimento humano, respeitando o tempo de aprendizagem e valorizando as conquistas, comparando sempre o sujeito a ele mesmo, pois só assim é possível pensar em uma verdadeira educação inclusiva.

## 5- Referências

AAIDD- AMERICAN ASSOCIATION ON INTELLECTUAL AND DEVELOPMENTAL DISABILITIES. Intellectual disability: definition, classification, and systems of supports. Published by AAIDD. 2010.

ANASTASI, A. **Testes psicológicos**. São Paulo: Hermes, 1967.

ARROYO, M. **Imagens quebradas**: Trajetórias e tempos de alunos e mestres Miguel Arroyo. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

BRASIL, Política Nacional de Educação Especial na perspectiva inclusiva, 2008. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducspecial.pdf>> Acesso em: 13 ago. 2019.

\_\_\_\_\_. Lei n. 13.146, de 06 de julho de 2015, e suas alterações. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm)>. Acesso em: 13 ago. 2019.

DECHICHI, C., SILVA, L., FERREIRA, M.. **Curso Básico:** educação especial e atendimento educacional especializado. Uberlândia: EDUFU, 2012.

FERNÁNDEZ, A. **A inteligência aprisionada:** abordagens psicopedagógicas clínicas da criança e sua família. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

FONSECA, V. **Educação Especial.** Porto Alegre, ARTMED Editora, 1995.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra Coleção Leitura, 1996.

MIRANDA, Maria Irene. **Crianças com Problemas de Aprendizagem na Alfabetização** – Contribuições da teoria piagetiana. Araraquara: J.M.Editora, 2000.

PAIN, S. **Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

PIAGET, J. e GRECO, P. **Aprendizagem e conhecimento.** São Paulo: Freitas Bastos, 1974.

SACRISTÁN, J. Gimeno&Gómez, A. I. Pérez .**As funções sociais da escola:** da reprodução à reconstrução crítica do conhecimento e da experiência. Compreender e transformar o ensino. Porto Alegre: ARTMED, 2000.

WEISS, M. **Reflexões sobre diagnóstico psicopedagógico.** In: SCOZ, Beatriz J. L. et al (Org.). Psicopedagogia: contextualização, formação e atualização profissional. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991, p. 94-139.